

# OPINIÃO SOCIALISTA



Nº587  
De 4 a 16 de  
Abril de 2020  
Ano 23



R\$2



(11) 9.4101-1917



PSTU Nacional



www.pstu.org.br



@pstu



Portal do PSTU



@pstu\_oficial

## MEDIDAS DE EMERGÊNCIA

# GARANTIR EMPREGO E RENDA PARA QUE **TODOS** FIQUEM EM CASA!

## O BRASIL PRECISA PARAR

**R\$600**  
PAGA JÁ!

## Fora Bolsonaro- Mourão

Tirar esse governo genocida é uma questão de vida ou morte **PÁGINA 6**



## MP 936 reduz salário e não garante emprego

Bolsonaro e Guedes continuam aproveitando a pandemia para beneficiar as grandes empresas e bancos, e atacar os trabalhadores

**PÁGINA 8**



PDF INTERATIVO - CLIQUE NO QR CODE > DAS MATÉRIAS E VÁ DIRETO PARA O SITE: PÁGINA 5 | PÁGINA 17

# páginadois

## CHARGE



## Falou Besteira



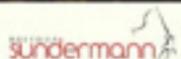
“Eu desconheço qualquer hospital que esteja lotado. Desconheço. Muito pelo contrário.”

JAIR BOLSONARO, no dia 2 de abril, enquanto o país se aproximava da terceira centena de mortos por COVID-19 notificados

A Editora Sundermann se alia à classe trabalhadora e derruba os preços em 50%! ”



<http://editorasundermann.com.br/>



## Expediente

**Opinião Socialista** é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.

CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

**JORNALISTA RESPONSÁVEL** Mariúcha Fontana (MTb14555)

**REDAÇÃO** Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido

**DIAGRAMAÇÃO** Fabrício Last e Victor “Bud”

**IMPRESSÃO** Gráfica Atlântica

## O peixe (e o canalha) morre pela boca

O empresário bolsonarista Junior Durski, dono da rede de restaurantes Madero (sócio de Luciano Huck), já tinha ficado famoso por dizer que o Brasil não podia parar por causa de “5 ou 7 mil mortes”. Diante da repercussão negativa, o empresário tentou se justificar: “A minha empresa tem condições, recursos e caixa para passar três, quatro, cinco ou seis meses para-

da. Não estou preocupado comigo, já disse que manterei o emprego dos nossos empregados.” E completou: “Estou preocupado com milhões de pessoas que não terão um emprego em 2021.” Pois bem, no dia 1º de abril, ele demitiu de uma só vez 600 funcionários. “Foi o dia mais triste da minha vida”, disse ao jornal Folha de S.Paulo na maior cara de pau.



Junior Durski

## Governador Flávio Dino (PC do B) quer Mourão na Presidência

O governador do Maranhão, Flávio Dino (PCdoB), defendeu que Bolsonaro passasse a Presidência ao seu vice, general Hamilton Mourão. A afirmação surpreendente ocorreu após uma reunião do Conselho da Amazônia presidida pelo vice-presidente militar. “Tivemos uma reunião com diálogo técnico, respeitosa, sensato. Claro que Mourão não é do meu campo ideológico, mas se Bolsonaro entregar o governo para ele, o Brasil chegará em 2022 em melhores condições”, disse à revista Época. Mourão tem uma linha explícita de se diferenciar de Bolsonaro e se colocar como



uma alternativa menos treloucada para a burguesia e o imperialismo. Na maioria das vezes, porém, não aguenta e passa a falar o que realmente pensa. No dia 31 de março, por exemplo, elogiou o golpe militar. Também vem defendendo o retorno ao trabalho, tal como Bolsonaro, enquanto as mortes continuam progredindo. O general Mourão vem defen-

dendo o golpe bem antes das eleições. Em 2015, para quem não lembra, o então comandante do Comando Militar do Sul, fez uma fala a seus subordinados pregando o “despertar de uma luta patriótica”. Foi retirado do cargo pelo próprio general Villas Boas. A partir disso, ele já defendeu inúmeras vezes golpe e ditadura, como no último dia 31 de março.

## Twitter apaga fake news de Silas Malafaia

Após apagar mensagens do presidente Bolsonaro com fake news sobre o coronavírus, o Twitter apagou sete posts do pastor Silas Malafaia. As mensagens apagadas chamavam a quarentena de “farsa”, instava as pessoas a irem às ruas e elogiava Bolsonaro.

“Estão querendo enganar o povo brasileiro. Essa quarentena é uma piada desde que começou”, dizia o picareta. “Não tem uma pessoa internada em UTI por coronavírus. Não tem uma”. Pelo visto, a baixa na arrecadação do dízimo mexeu com a cabeça desse povo.



CONTATO

FALE CONOSCO VIA

**WhatsApp**

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta

**(11) 9.4101-1917**

[opinio@pstu.org.br](mailto:opinio@pstu.org.br)

Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000



# As tarefas colocadas na conjuntura

**E**nquanto fechávamos esta edição, Bolsonaro chamava as pessoas a saírem de casa e desobedecerem a quarentena.

A burguesia de conjunto quer que a quarentena termine o mais rápido possível e que o mercado volte a funcionar de forma plena. A própria quarentena, no caso da burguesia, não se dá por razões humanitárias, e sim por razões econômicas e políticas. Mas há uma divisão tática de como isso pode ser feito.

Um setor defende o ponto de vista de Bolsonaro, voltar já. Outro setor majoritário segue as orientações da OMS, como Doria e a maioria dos governadores (que implementam medidas insuficientes).

Por outro lado, a anarquia e o despreparo capitalistas ficam evidentes a cada passo. No terreno das medidas econômicas contra a crise há imprevisto, atraso e também diferenças no varejo. Inúmeros setores burgueses reclamam que até agora não “há plano”.

A verdade é que Guedes e Bolsonaro seguem aplicando o plano de ajuste e aproveitando a pandemia para jogar a crise nas costas dos trabalhadores, mesmo quando obrigados a tomar medidas para o grande empresariado, anticíclicas ou fora do receituário neoliberal.

## INDIGNAÇÃO, PANEIÇOS, GREVES E LUTAS

O posicionamento de Bolsonaro, inclusive suas carreatas, têm sido repudiado pela maioria da população. Cresceu a rejeição ao seu governo, enquanto subiu a aprovação dos governadores. A realidade é dinâmica.

A fragilização de Bolsonaro é evidente e, por isso, volta à baila a discussão sobre tirar Bolsonaro. Até os partidos de oposição parlamentar, que fazem pouquíssima oposição,



Panelaço contra Bolsonaro

soltaram um manifesto pedindo sua renúncia. Mas, de fato, não é política de nenhum desses setores a derrubada do governo antes de 2022, pelo menos por enquanto.

No movimento e nos painelaços, a palavra de ordem é “Fora Bolsonaro”. Fora Bolsonaro e Mourão é uma necessidade, uma tarefa de vida ou morte. Vimos, do ponto de vista do movimento de massas, que um setor da pequena burguesia se moveu de forma espontânea puxando os painelaços e puxaram amplos setores de massas nas cidades, inclusive alguns bairros populosos da periferia.

Vimos também que o movimento operário e a classe trabalhadora respondem ao chamado à paralisação, como entre os metalúrgicos de São José dos Campos (SP) e da construção civil de Belém (PA). A proposta de parar os locais de trabalho (exceto os setores essenciais) é de massas. Isso demonstra ainda mais o crime das burocracias sindicais e direções do movimento, que não movem uma palha.

A excelente iniciativa do Movimento Luta Popular nos movimentos populares indica a enorme disposição de luta que tem se expressado também em experiências de auto-organização em vários bairros de periferia. A classe trabalhadora que está no mercado formal, por sua vez, se não der uma resposta unificada, verá a burguesia rebaixar enormemente as suas condições de vida, como está fazendo com a MP 936.

A pandemia, porém, desnuda bem mais do que o governo e o regime político, desnuda o próprio sistema capitalista. Mostra a incapacidade de parar tudo para cuidar das pessoas. Essa situação e essa conjuntura mostram a necessidade e a possibilidade de uma resposta para além do capitalismo.

## NOSSA POLÍTICA E TAREFAS: FORA BOLSONARO E MOURÃO

Construir uma ampla maioria pela derrubada de Bolsonaro e Mourão é uma necessidade e também a melhor defesa contra um autogolpe, ao contrário

do que argumentavam até ontem o PT e a maioria do PSOL.

Essa palavra de ordem é a que melhor expressa essa tarefa, que se não for assumida pela ampla maioria dos trabalhadores e seus aliados, não vai ocorrer. Não devemos depositar confiança nem que o Congresso, nem que o STF, nem que os governadores garantam nossas necessidades.

Nesse sentido, não nos opomos e inclusive orientamos a assinar a petição pelo impeachment de Bolsonaro, apresentada pelos deputados do MES-PSOL, porque esta não se contrapõe ao movimento geral pela fragilização desse governo. Mas pensamos que hoje a melhor forma de levar adiante essa tarefa não é a canalização da mesma para o Congresso, mas sim ganhando a consciência da maioria dos trabalhadores para botar para fora Bolsonaro e Mourão com a nossa luta e avançar para além desse regime e desse sistema.

É preciso defender parar o Brasil para deter o corona-

vírus e apresentar um plano de emergência para que o pessoal possa ficar em casa e defender um governo socialista dos trabalhadores e a auto-organização: não esperar dos governos; realizar desobediência civil e mobilização, pois se trata de defender a vida contra o governo, o regime e o sistema.

Devemos seguir denunciando que a política dos governadores e do Congresso é insuficiente: exigir testes em massa, exigir que parem tudo.

Defendemos unidade para lutar, mas nos opomos a fazer frente ampla eleitoral com a burguesia para governar ou repetir a experiência de governo de conciliação de classes do PT.

É necessário apontar e construir uma alternativa socialista e revolucionária. A situação atual mostra a necessidade de defender o poder para os trabalhadores. A solução para toda essa situação do mundo e do Brasil está fora desse sistema. A solução só pode ser o socialismo.

**DA REDAÇÃO**

O golpe militar de 1964 completou 56 anos no dia 31 de março. Nesse dia, vários integrantes do governo Bolsonaro foram a público para exaltar os mais de 20 anos de chumbo que se abateram sobre o país. Como se não bastasse falar asneiras e mentiras sobre a pandemia que ameaça ceifar a vida de milhões de brasileiros, esse governo genocida elogia em público uma ditadura sangrenta que instituiu a tortura, a morte e a censura.

Bolsonaro, que é uma máquina de mentiras, não esqueceu de fazer sua asquerosa saudação à ditadura. O vice-presidente Mourão escreveu numa rede social que as Forças Armadas “intervieram na política nacional para enfrentar a desordem, subversão e corrupção que abalavam as instituições e assustavam a população”. Disse ainda que o primeiro ditador, o general Castello Branco, tinha sido “eleito”! A verdade é que o presidente da época, João Goulart, legitimamente eleito, foi deposto pelos comandantes do exército, aliados à políticos como Ademar de Barros, Carlos Lacerda e Juscelino Kubitschek. Anos depois, todos esses políticos tiveram seus direitos caçados e tiveram que fugir do Brasil.

**CORRUPTA E VIOLENTA CONTRA OS POBRES**

Os defensores da ditadura dizem que ela livrou o país da corrupção e da “ameaça comunista”, um delírio completo que hoje é ruminado por uma boiada de seguidores de Bolsonaro nas redes sociais.

Talvez nunca tenha existido um período tão corrupto quanto foi a ditadura. A ditadura criou figuras políticas odiáveis, como Paulo Maluf e Delfim Neto, e foi responsável pelo crescimento vertiginoso das grandes empreiteiras que roubaram muito dinheiro público com as obras faraônicas promovidas pelo regime.

No período anterior ao golpe, a classe operária realizava lutas extremamente importantes e assim arrancava conquistas sociais. Não por acaso, o primeiro alvo dos milicos

depois do golpe foi a classe operária. Isso era uma exigência dos empresários que patrocinaram o golpe, junto com a embaixada dos Estados Unidos.

*Talvez nunca tenha existido um período tão corrupto quanto foi a ditadura. A ditadura criou figuras políticas odiáveis, como Paulo Maluf e Delfim Neto, e foi responsável pelo crescimento vertiginoso das grandes empreiteiras que roubaram muito dinheiro público com as obras faraônicas*

Um exemplo foi a repressão que se abateu na Baixada Santista (SP). Após o golpe, os combativos sindicatos dos trabalhadores do porto de Santos sofreram intervenção, e suas lideranças foram aprisionadas e torturadas num navio-prisão da marinha. A ditadura liquidou conquistas históricas da categoria. Imagine um regime como este, que proíbe seu direito à greve, revoga seus direitos e ainda ameaça você de prisão! Em Santos, a Companhia Docas lucrou como nunca, enquanto os trabalhadores do porto trabalhavam de cuecas, seminus, sem direitos e em silêncio.

**REPRESSÃO A CAMPONESES E SOLDADOS**

No campo, líderes das Ligas Camponesas foram caçados e assassinados por militares e jagunços. Engana-se quem acha que o golpe foi um consenso entre os militares. Houve resistência sim. Mas as Forças Armadas logo aprisionaram soldados e suboficiais. Muitos deles foram torturados.

Um levantamento da Comissão da Verdade mostra que mais de 6.591 oficiais, suboficiais e soldados foram presos, torturados ou expulsos das Forças Armadas. Um verdadeiro expurgo para eliminar aqueles que estavam ao lado das lutas do povo.

**DITADURA NUNCA MAIS!**

# A verdade sobre a ditadura militar



**RASTRO DE SANGUE**

## Quantos foram os mortos e desaparecidos

É difícil uma estimativa exata sobre o número real de pessoas mortas e desaparecidas durante a ditadura. Muitos documentos foram destruídos e nunca vieram a público. Por isso, toda estimativa que já foi realizada com certeza está bem abaixo da realidade brutal daquele período. Segundo documentos da Comissão da Verdade, 437 pessoas foram mortas e desaparecidas nas grandes cidades. Destas, 248 (56% do total) eram trabalhadores, a maioria era de ope-

rários (55 ao todo).

No campo o massacre foi brutal. Graças a descoberta do Relatório Figueiredo – de mais de 7 mil páginas –, sabemos que ao menos 8.350 indígenas foram mortos em massacres, roubo de suas terras, remoções forçadas de seus territórios, contágio por doenças infecto-contagiosas, prisões, torturas e maus tratos. Muitos sofreram tentativas de extermínio. Um genocídio que Bolsonaro quer repetir ao defender a mineração em terras indígenas. Também no campo, pelo menos 1.196 trabalhadores rurais foram as-

sassinados segundo o relatório final da Comissão Camponesa da Verdade em 2014.

Os generais criminosos sabiam de todo esse extermínio. A prova disso é um memorando da CIA (serviço de inteligência dos EUA) divulgado recentemente. O documento da CIA fala sobre a “decisão do presidente brasileiro, Ernesto Geisel, de continuar com as execuções sumárias de subversivos perigosos sob certas condições”. A barbárie da ditadura é exposta com toda sua crueldade pelo relatório da CIA, que foi aliada dos militares brasileiros.



NUNCA MAIS

## Fora Bolsonaro e Mourão!

Bolsonaro faz questão de elogiar a ditadura, a tortura e seu ídolo, o facínora Brilhante Ustra, porque tem como projeto impor um regime odioso desse tipo. Por isso ataca as liberdades democráticas. Imaginem uma ditadura no país nesse momento em que enfrentamos uma terrível pandemia. Bolsonaro ficaria livre para acabar com o isolamento social – maior medida efetiva para deter a propagação do vírus –, permitir a demissão em massa dos trabalhadores, dar mais dinheiro para ban-

queiros e empresários e censurar as notícias sobre o coronavírus. Faria algo semelhante ao governo ditatorial do Turcomenistão, onde o ditador banuiu o uso da palavra coronavírus no país. Quem usar a palavra, tanto nas publicações oficiais quanto na imprensa independente, vai no mínimo preso.

É preciso repudiar com força esse discurso, assim como qualquer ataque às liberdades democráticas. Não podemos normalizar elogio à ditadura, a torturador e a golpes militares. Não vamos aceitar! Fora Bolsonaro e Mourão!

CENSURA

## A epidemia que a ditadura tentou esconder

**LUCIANA CANDIDO**  
DA REDAÇÃO

Quando a meningite meningocócica despontou no meio de Santo Amaro, Zona Sul de São Paulo, tornou-se assunto de segurança nacional. O país estava sob a ditadura militar, que não podia enlamear seu “milagre econômico” com uma doença.

Meningite é uma inflamação na membrana que reveste as células do cérebro e da medula espinhal. No caso dos anos 1970, tratava-se de uma meningite causada por uma bactéria (meningocócito). Ela é transmitida por gotículas respiratórias por espirro, tosse ou contato muito próximo, e o período de incubação é muito curto.

Na imprensa, a palavra “epidemia” foi proibida e substituída por “surto”. As informações eram censuradas. Não havia redes sociais (pelo menos não como conhecemos hoje), mas a falta de informação deixada pelo governo militar foi ocupada com boatos, que hoje co-

nhecemos como fake news, que atrapalharam bastante os profissionais de saúde.

As aulas foram suspensas por decreto, eventos foram cancelados, hospitais ficaram superlotados. Pessoas morriam, e a bactéria se espalhava pelas outras regiões: Vila Nova Cachoeirinha (Zona Norte) e São Miguel Paulista (Zona Leste) foram duas atingidas que eram muito populosas já naquele tempo. Em 1974, a meningite chegou à região central e daí foi para o resto do país.

Em 1974, a epidemia atingiu seu pico. Foram registrados 67 mil casos em sete estados (0,06% da população do país na época), dos quais 40 mil estavam em São Paulo.

O ministro da Saúde do governo Geisel, Almeida Machado, admitiu, em entrevista à jornalista Eliane Catanhêde, que havia uma epidemia. Esse é um dos fatores que explica o fato de a taxa de mortalidade ter caído de 10% para 2% no momento mais crítico da doença, pois permitiu o diagnóstico

precoce e o tratamento no início da infecção. Imagine quantas vidas poderiam ter sido salvas se não fosse a censura imposta pelo regime.

Os números são discrepantes, e a maioria diz respeito a São Paulo – que de fato foi o epicentro da epidemia. Isso se explica por dois motivos. Primeiro, pela própria censura. Muitas mortes por meningite

*.....*  
**Não existe falta de informação. Existe informação falsa combatendo a ciência, a história, a medicina, qualquer coisa que já foi observada, testada e confirmada.**  
*.....*

foram registradas com outras causas. Segundo, porque milhares de trabalhadores e pobres morreram na periferia sem

diagnóstico.

Com relação apenas à incidência da doença, o Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo informa que, de 1970 a 1977, variou entre 13,04 casos por 100 mil habitantes no distrito da Aclimação (Centro) e 101,28 na Vila Nova Cachoeirinha (Zona Norte).

### MENINGITE E COVID-19, O QUE TEM A VER?

Esse evento nos mostra como uma epidemia se desenvolveu sob um governo autoritário. Não é coincidência que Bolsonaro demonstre desprezo diante da gravidade da pandemia da COVID-19.

A desinformação custou muitas vidas no passado e custará muitas mais no futuro. As fake news não são produto da era digital, mas hoje assumiram o papel de arma de guerra. Não existe falta de informação. Existe informação falsa combatendo a ciência, a história, a medicina, qualquer coisa que já foi observada, testada e confirmada. O próprio Bolsonaro faz

declarações o tempo todo que colocam em risco a vida das pessoas. Além disso, as fake news atacam as liberdades democráticas a serviço de um projeto de ditadura que Bolsonaro quer para o país.

Se estivéssemos sob uma ditadura militar como quer Bolsonaro e seus entusiastas, teríamos nosso acesso à informação restringido. É possível que milhões de pessoas morressem sem que se soubesse a causa. Se hoje já disseminam absurdos que não só não ajudam como prejudicam a saúde, o que não se faria num regime com uma comunicação hipercontrolada?

### LINKS



**Memorando da CIA que prova que os generais ordenavam execuções**



**ARTIGO: Sanguinária e corrupta, assim era a ditadura**

FORA BOLSONARO E MOURÃO

# Tirar esse governo genocida é questão de vida ou morte

DA REDAÇÃO

Quando Bolsonaro resolveu abraçar e tirar selfies com o punhado de manifestantes que apareceu em Brasília para os atos pró-ditadura do dia 15 de março que ele mesmo convocou, havia mais de 200 casos de coronavírus registrados no Brasil. Na Itália, só neste dia, 368 pessoas morriam; na Espanha, 288. No mundo inteiro os países fechavam suas fronteiras e impunham quarentena.

Bolsonaro, no entanto, desdenhava da pandemia declarada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) quatro dias antes e mesmo com 19 pessoas de

sua comitiva aos EUA com teste positivo para coronavírus; mesmo ele sendo suspeito naquele momento (hoje ninguém duvida de que estava mesmo doente); colocava de forma intencional a população em risco. Bolsonaro não só desprezou a pandemia e incentivou comportamento de risco, como transformou o próprio Planalto num foco de contaminação. Por quantas mortes ele foi diretamente responsável?

## UM GOVERNO CRIMINOSO

Se já havia mostrado todo o seu desprezo pela pandemia, foi no dia 24 de março que Bolsonaro redobrou a aposta e fez o pronunciamento em rádio e TV que

provocou indignação geral aqui e lá fora. Quando 46 brasileiros já haviam morrido pela doença, o presidente atacou as medidas de isolamento social tomadas de forma parcial pelos estados, defendeu a volta ao trabalho e chamou a doença de “resfriadinho” e “gripezinha”.

Cinco dias depois, quando o Brasil já contabilizava 139 mortos pela COVID-19, Bolsonaro, num ato de pura provocação, resolveu passear pelo comércio de Brasília, chegando a dizer que estava com “vontade” de baixar um decreto para que todos fossem trabalhar. Um dia depois, em entrevista ao vivo ao apresentador da Band



Luiz Datena, o presidente expôs de forma crua o que pensa da vida da população: “Alguns vão morrer? Vão morrer, lamento!” Na mesma entrevista, levada

em tom de bate-papo de botequim, respondeu da seguinte forma se cogitava um golpe: “Quem quer dar o golpe jamais vai falar que quer dar.”

## JANELAS GRITAM

# Indignação faz explodir painelaços contra o governo

O pronunciamento criminoso de Bolsonaro do dia 24 girou uma chave na opinião pública. O desgaste de seu governo, que vinha crescendo desde o ano passado e começou a oscilar entre o final de 2019 e início de 2020, deu a partir disso um enorme salto. Painelaços começaram a ocorrer todos os dias, principalmente nos bairros de classe média e, inclusive, em antigos redutos do bolsonarismo. Uma pesquisa do Atlas Político apontou que 47,7% apoiavam seu impeachment contra 45% a favor.

O discurso de Bolsonaro marcou o início da ruptura em massa com os estratos médios da sociedade, aprofundou a crise política e institucional com os estados e

os demais poderes – Legislativo e Judiciário –, e reacendeu o debate sobre sua saída, impeachment ou renúncia, embora não seja essa a política da burguesia nem dos demais poderes.

No entanto, para se ter uma ideia da tensão entre Bolsonaro e os próprios setores da burguesia e mesmo do imperialismo a quem sempre serviu, o presidente da Eurasia, principal consultoria de risco do planeta e farol para o capital financeiro, afirmou o seguinte em seu Twitter: “Ele vai matar brasileiros. Um nível de irresponsabilidade que nunca vi de um líder eleito democraticamente.”

Bolsonaro mudou?

A política genocida de Bolsonaro expressa setores do mercado financeiro e da burguesia que só fazem contas a curto prazo, não concebem a ideia de perder dinheiro com uma política de isolamento social e quarentena, não importando quantos mortos isso produzirá. É o discurso de Luciano Hang, da Havan, de Flávio Rocha da Riachuelo, ou de Junior Durski, da rede de hamburguerias Madero e sócio de Luciano Huck. Isso aliado a uma boa dose de obscurantismo e negacionismo anti-ciência.

Por isso a relutância em admitir a pandemia, a mentira

recorrente e as fake news. Por isso ainda que o governo pôs em marcha a odiosa campanha “O Brasil não pode parar”, estimulando carreatas de grandes e médios empresários país afora em seus carros importados. A campanha emula o prefeito de Milão, Giuseppe Sala que, em fevereiro, inventou o mote “Milão não para” contra as medidas de quarentena e menos de um mês depois teve que ir a público pedir desculpas diante da pilha de cadáveres de italianos.

Enquanto fechávamos essa edição, Bolsonaro realizava mais um pronunciamento na TV, desta vez fingindo um abrandamento no discurso. Porém continua minimizando a pandemia e defendendo a volta ao trabalho, falsificando em rede nacional uma fala do presidente da OMS.

Ao que parece, mudou a forma do discurso orientado por setores das Forças Armadas para proteger seu mandato e aplacar a crise política. O painelaço que acompanhou o discurso, porém, foi o maior que já ocorreu até agora, mostrando que a população, e até mesmo as janelas, perceberam que tirar o presidente é uma questão de saúde pública, de vida ou morte.

## FARSANTE

### CLOROQUINA: A FAKE NEWS DE BOLSONARO

Do muito que não se sabe sobre o coronavírus, algumas coisas são já consenso entre a comunidade científica. Uma delas é a necessidade do isolamento social estrito e a testagem em massa da população. No entanto, isso custa dinheiro. Seria mais fácil, rápido e barato apresentar uma solução mágica que, além de tudo, servisse para tranquilizar a população e forçar a volta ao trabalho, expondo-se ao risco.

É isso que Bolsonaro faz com a cloroquina, medicação originalmente prescrita para o tratamento da malária, cujos estudos para enfrentar a CO-

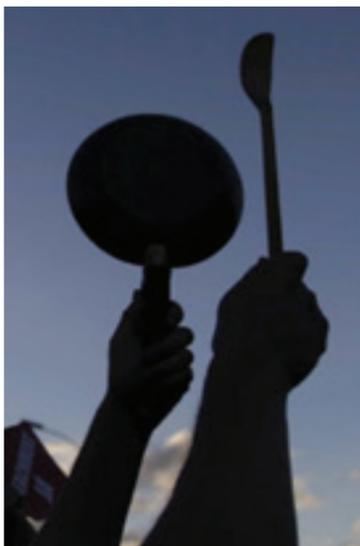
VID-19 apenas começaram. Bolsonaro anunciou que o Exército aumentará a produção do medicamento e chegou a dizer que ele não tem efeito colateral. O absurdo é tão gritante que o Twitter e o Facebook se viram obrigados a retirar do ar um vídeo do presidente defendendo a utilização da droga. Um estadunidense morreu por automedicar-se com o produto.

Uma coisa é testar cientificamente a substância, como está ocorrendo; outra é vender a cloroquina como uma mágica, a fim de minimizar a pandemia, como Bolsonaro vem fazendo.

## VEJA OS DIFERENTES CENÁRIOS



FONTE: IMPERIAL COLLEGE DE LONDRES (26 DE MARÇO)



**QUARENTENA JÁ!**

# Governadores tentam se diferenciar de Bolsonaro, mas não são alternativa



Diante da pandemia do coronavírus, da política genocida de Bolsonaro e da queda de sua popularidade, governadores viram uma oportunidade para polarizar política e, sobretudo, eleitoralmente com o presidente. Lançaram mão de medidas de quarentena parcial e de um discurso que, à primeira vista, batia de frente com o Governo Federal.

À frente deste movimento aparece o governador de São Paulo, João Doria (PSDB), candidato declarado em 2022. Doria mandou fechar o comércio, espaços e eventos públicos e suspendeu as aulas. No entanto, nada fez em relação aos cerca de 190 mil metalúrgicos que trabalham nos mais diferentes setores, de grandes multinacionais às pequenas e

médias fábricas, aglomerando-se entre dezenas, centenas ou milhares de trabalhadores. Em vez de manter apenas os setores essenciais funcionando, garantindo proteção aos trabalhadores, para Doria o “essencial” é o lucro das empresas, ao custo da saúde e da vida dos operários, de suas famílias e da população em geral.

Doria, além disso, mantém o transporte público funcionando, como o metrô, sem as mínimas condições de segurança aos trabalhadores metroviários (que não contam com EPIs) e à própria população, que continua sendo obrigada a se amontoar em plena pandemia. Enquanto veicula uma campanha dizendo “Não sigam o presidente”, o governador tucano faz justo o oposto.

Como se isso não bastasse, João Doria suspendeu os serviços terceirizados do estado, como o de merendeiras, faxineiras e motoristas, deixando esses trabalhadores na miséria. Ao mesmo tempo, liberou R\$ 225 milhões de crédito às empresas.

Já o governador do Rio de Janeiro, Wilson Witzel (PSL), implementa política semelhante no estado. Determina o fechamento do comércio, das praias, mas mantém todo o resto, inclusive o transporte público lotado. Além disso, a saúde no Rio já vivia um colapso muito antes da pandemia e agora denuncia o absoluto caos.

Witzel ainda se aproveita da situação para aprofundar sua política de genocídio da

juventude negra e pobre das comunidades, autorizando a PM a reprimir a população sob a desculpa de estarem desafiando o confinamento.

Outro exemplo vem do Maranhão. No mesmo dia em que Bolsonaro foi à TV defender a volta ao trabalho, o Secretário de Indústria e Comércio, Simplicio Araújo (Solidariedade), do governo Flávio Dino (PCdoB), fez declaração semelhante defendendo o retorno à normalidade das indústrias instaladas no estado.

Ao se contraporem ao discurso negacionista de Bolsonaro e tomarem medidas ainda que parciais, os governadores em geral vêm conquistando audiência e até apoio da população. No entanto, é fundamental explicar aos trabalhadores e ao povo pobre que eles não são alternativa à crise e que, ao seu modo, também defendem os interesses dos ricos, dos grandes empresários e dos banqueiros, e não a vida e a saúde da classe trabalhadora.

MP 936

# Bolsonaro rebaixa salário e não garante estabilidade

**RENATA FRANÇA,  
DE ITAJUBÁ (MG)**

Com o discurso de “proteger os empregos”, Bolsonaro editou a Medida Provisória 936, que não garante estabilidade no emprego, achata a renda média das famílias e não proíbe demissões.

Enquanto Bolsonaro esbraveja contra a quarentena, colocando em risco a vida das pessoas, a crise social se aprofunda. Para milhões que já estão em situação de vulnerabilidade e pobreza, medidas de proteção por parte do governo são mais que

até 20 funcionários o pagamento integral da sua folha de salários pelo Estado. Para assegurar a quarentena e resguardar a vida, é necessário garantir proteção para quem necessita trabalhar, estabilidade no emprego e renda subsidiada para quem está cumprindo o isolamento.

Contudo, a MP permite às grandes empresas, muitas das quais recebem incentivos fiscais bilionários do governo, continuar demitindo ou colocar os trabalhadores em lay-off. Além disso, oferece às empresas que aderirem ao programa a autorização para



urgentes. Na verdade, já tardam! Para as famílias que vivem do trabalho informal, é impossível cumprir o isolamento social sem um auxílio econômico do poder público. Mesmo para os trabalhadores com carteira assinada a situação é dramática, pois muitas empresas se aproveitam da pandemia para demitir.

Neste momento, o governo deveria apresentar uma medida proibindo qualquer demissão e estatizar as empresas que demitirem, assegurando às microempresas e aos pequenos negócios com

reduzir salários em até 70% ou suspender os contratos de trabalho. Em contrapartida, essas empresas garantem estabilidade provisória no emprego somente por um curto período de dois a quatro meses, período inferior ao que os cientistas avaliam que pode durar a crise sanitária.

A MP 936 é um presente para os grandes empresários. Além do mais, a MP 927 já havia isentado as empresas de pagar impostos referentes à Previdência e ao FGTS.

Os trabalhadores pagam a conta mais uma vez, pois

## Entenda a Medida Provisória 936

### 1 “ESTABILIDADE” PROVISÓRIA NO EMPREGO

Empresas que aderirem à redução de salários e à jornada ou suspensão de contrato de trabalho deverão garantir estabilidade provisória no emprego pelo dobro do tempo que durar a redução ou a suspensão de contrato. Neste período, poderão demitir mediante pagamento de multas trabalhistas adicionais.

### 2 REDUÇÃO DA JORNADA DE TRABALHO COM REDUÇÃO DOS SALÁRIOS

As empresas ficam autorizadas a reduzir a jornada de trabalho com redução proporcional do salário em 25%, 50% ou 70%. O trabalhador receberá parte do salário da empresa e outra do governo, que complementar uma parcela do valor não pago pela empresa, tendo como base o que o empregado receberia de seguro-desemprego. Por exemplo, se a empresa quiser reduzir em 70% o salário e a jornada, o trabalhador receberá apenas 30% do salário atual da empresa e 70% do seguro-desemprego que o trabalhador teria direito. Como o seguro-desemprego é menor do que o salário atual, haverá redução de salário maior para cada faixa salarial superior ao teto de R\$ 1.813.

### 3 SUSPENSÃO DOS CONTRATOS DE TRABALHO

É permitido suspender o contrato de trabalho por dois meses. Empresas que tiveram receita bruta menor que R\$ 4,8 milhões em 2019 não pagarão nada ao funcionário, e o Benefício Emergencial de Preservação do Emprego e da Renda será equivalente a 100% do valor do seguro-desemprego ao qual o trabalhador teria direito. Empresas com receita anual igual ou superior a R\$ 4,8 milhões terão de pagar apenas 30% do salário do trabalhador, e o Benefício Emergencial de Preservação do Emprego e da Renda restituirá o equivalente a 70% do valor do seguro-desemprego ao qual o trabalhador teria direito.

### 4 NEGOCIAÇÃO INDIVIDUAL PATRÃO E TRABALHADOR

A empresa pode alterar a relação de trabalho sem negociação prévia com o sindicato da categoria nas reduções de salário até 25% e em acordo individual para trabalhadores que recebem até 3 salários mínimos ou mais de 2 tetos do RGPS (R\$ 12.202,12) no caso de optarem por reduzir 50% a 70% ou para suspensão de contratos de trabalho.

### 5 MICROEMPRESAS E PEQUENOS NEGÓCIOS

Institui linha de crédito especial (carência de seis meses para início do pagamento, podendo ser em 36 parcelas) para financiar a folha de pagamento por dois meses para pequenas e médias empresas com faturamento entre R\$ 360 mil e R\$ 10 milhões. A concessão do crédito está condicionada à garantia provisória do emprego por dois meses.

o governo complementa apenas parte dos salários com os fundos do seguro-desemprego. Isso significa uma redução salarial para quem recebe 3, 4 ou 5 salários mínimos de até 30%, 40% e 46% respectivamente. Além disso, a redução de até 25% do salário pode ser feita sem a

negociação prévia com o sindicato, permitindo acordos individuais nos quais o trabalhador é coagido a escolher entre o emprego ou a redução salarial.

O governo se aproveitou da pandemia para impor seu projeto de semiescravidão para a classe trabalha-

dora num momento em que esta precisa muito de subsídio para sobreviver. O país tem dinheiro para garantir que nenhum trabalhador seja demitido e tenha sua renda integral, bem como garantir a sobrevivência dos pequenos negócios (leia mais na páginas 8 e 9).

## BOLSONARO MENTE

# É possível combater o coronavírus e garantir emprego e renda



DA REDAÇÃO

**B**olsonaro mente à população não só quando despreza a pandemia do coronavírus. Todo o seu discurso coloca uma falsa escolha: ou se combate a doença com as medidas de isolamento social ou se protege os empregos e a renda dos trabalhadores, sobretudo dos mais pobres.

Quando fala que é necessário “evitar ao máximo qualquer perda de vidas humanas” e “ao mesmo tempo, evitar a destruição de empregos”, como fez no pronunciamento do último dia 31, faz parecer que são duas medidas contraditórias. Mas não são. A existência do coronavírus não depende da vontade e das

ações do governo. Sua propagação e os efeitos que terá sobre a população, principalmente o número de mortos, sim. Assim como sobre os efeitos sociais que uma necessária quarentena terá.

**JOGANDO COM A VIDA DO POVO**

Bolsonaro, na verdade, faz terrorismo e chantagem com a vida do povo. Poderia muito bem tomar as medidas de isolamento social preconizadas pelos órgãos de saúde a fim de proteger a vida dos trabalhadores e da população impondo quarentena a todos os setores não essenciais. E o desemprego? Bastaria decretar a proibição das demissões durante a crise, como já ocorre em países como Espanha e Argentina.

O presidente diz estar preocupado com o “camelô, ambulante, o vendedor de churrasquinho, a diarista, o ajudante de pedreiro, caminhoneiro e dos outros autônomos”. Pois bem, se fosse realmente séria essa preocupação, liberaria recursos para manter esses trabalhadores e setores mais vulneráveis, basicamente informais, desempregados e microempresários e empresas de pequeno porte. Mas faz justamente o contrário. Até o valor insuficiente de R\$ 600 aprovado pelo Congresso Nacional encontra resistência em seu governo.

Enquanto fechávamos esta edição, Bolsonaro nem havia publicação a sanção do coronavoucher, que dormia em sua mesa há dois dias. Seu ministro



da Economia, Paulo Guedes, ia à imprensa mentir dizendo que não havia recursos para a medida, e que o Congresso Nacional deveria aprovar uma PEC (Proposta de Emenda Constitucional) a fim de liberar esse di-

nheiro. Já o ministro da Cidadania, Onyx Lorenzoni, afirmou que os R\$ 600 só estarão disponíveis a partir de 16 de abril. Isso seria condenar à fome e à miséria absoluta milhões de trabalhadores.

## RAPIDINHO

## Para banqueiros e empresários, tem ajuda na hora



o mercado de créditos, que se somam aos R\$ 135 bilhões que já haviam sido liberados aos bancos. Já o coronavoucher custará só R\$ 45 bilhões.

Bolsonaro também anunciou uma Medida Provisória que permite a suspensão dos contratos de trabalho com a redução dos salários em até 70%. Uma Medida Provisória depende só de uma caneta do presidente. Isso mostra que não há qualquer empecilho para o pagamento dos R\$ 600, muito pelo contrário. O governo teria todas as condições para proibir as demissões, estatizar as empresas que demitirem e áreas essenciais para o combate à pandemia, garantindo empregos, direitos e salários aos funcionários, além de garantir condições dignas de sobrevivência à massa de trabalhadores informais, desempregados e precarizados com um subsídio de 2,5 salários mínimos,

e não apenas R\$ 600.

Bolsonaro e seu governo, porém, não só se negam a liberar recursos aos trabalhadores, como, ao contrário, aprofundam os ataques que já vinha fazendo antes da pandemia. Se para os trabalhadores e o povo pobre o coronavírus é uma ameaça à vida, para Bolsonaro e Guedes é uma oportunidade para aumentar os lucros dos banqueiros e dos grandes empresários.

## CORRUPÇÃO

**BOLSONARISTA LUCRA COM A MORTE**

Enquanto aumenta o número de mortos pela COVID-19, empresários ligados ao governo lucram em contratos sem licitação e preços superfaturados. Foi o que mostrou uma reportagem do The Intercept Brasil, que revela que, com o estado de calamidade pública, o Ministério da Saúde comprou máscaras cirúrgicas da empresa Farma Suply, pagando um valor de R\$ 18,2 milhões, 67% mais caras que as concorrentes. O dono da empresa, Marcelo Sarto Bastos, é militar

## MEDIDAS DO GOVERNO



**PARA A POPULAÇÃO E O POVO POBRE**  
**R\$ 600**



**PARA BANQUEIROS E EMPRESÁRIOS**  
• **R\$ 1,2 TRILHÃO PARA CRÉDITOS**  
• **R\$ 135 BILHÕES DO COMPULSÓRIO AOS BANCOS**  
• **SUSPENSÃO DE CONTRATOS DE TRABALHO COM REDUÇÃO DE ATÉ 70% DOS SALÁRIOS E DA JORNADA**

Na verdade, se o governo realmente quisesse, poderia liberar já essa ajuda, como fez com os banqueiros e grandes

empresários num montante bastante superior a esse. O Banco Central anunciou a liberação de R\$ 1,2 trilhão para

# MEDIDAS DE EMERGÊNCIA

Brasil precisa parar e garantir emprego e renda para que todos fiquem em casa

## DA REDAÇÃO

**A**o contrário do governo Bolsonaro e de suas carreatas da morte, nós dizemos que todo o Brasil precisa parar – exceto os setores absolutamente essenciais.

Dizemos também que é necessário e possível garantir emprego, renda e sobrevivência aos pequenos negó-

cios para que todos possam ficar em casa. Para isso, é preciso girar todos os recursos disponíveis na sociedade para combater a pandemia e evitar a catástrofe social e a perda de milhares de vidas que se avizinha. Ao contrário da hipocrisia de Bolsonaro, dizemos que se ele realmente estivesse preocupado com o desemprego ou com o trabalhador informal e o camêlo, ele editaria decretos

para garantir a estabilidade no emprego sem redução de salário, renda básica de 2,5 salários mínimos para todos que necessitam, assumindo a folha de pagamento dos pequenos negócios com até 20 funcionários, garantindo crédito a juros zero, entre outras medidas.

Mas ele está preocupado em manter os lucros indecentes de banqueiros e grandes empresários, isto sim. Quer

defender seu cargo, a disputa das eleições de 2022, ou trabalhar de forma direta para um autogolpe, ou seja, para seu projeto de ditadura e semiescravidão.

É por isso que nem mesmo as medidas insuficientes, aprovadas no Congresso ou defendidas por governadores, Bolsonaro não assegura que vai aplicar. É o caso dos R\$ 600 aprovados pelo Congresso como renda básica,

que ele não garante entregar de imediato a quem precisa.

É necessário aplicar um plano de emergência, sob controle dos trabalhadores, para enfrentar a pandemia, em vez das medidas de Bolsonaro e Paulo Guedes. Eles aproveitam a crise para atacar ainda mais os trabalhadores, os pobres e o pequeno negócio em benefício de banqueiros, especuladores, latifundiários e grandes empresas.

## MEDIDAS PARA DETER O CORONAVÍRUS

### 1. FICAR EM CASA. MANTER E AMPLIAR A QUARENTENA SOCIAL



**Parar o Brasil para deter o vírus.**

**EXPLICAÇÃO:** Parar TODOS os serviços não essenciais. Essa é a única medida comprovada de impedir a proliferação do vírus.



**Proteção máxima aos trabalhadores dos serviços essenciais**

### 2. PRODUZIR E REALIZAR TESTES GRATUITOS EM MASSA



**Testes em massa**

**EXPLICAÇÃO:** Essa é a segunda medida crucial. Fortalecer a Fiocruz e obrigar todos os laboratórios que tenham condições a produzir os kits de teste.



**Fim da subnotificação**

**EXPLICAÇÃO:** A falta de testes e uma política deliberada por parte dos governos fazem com que as pessoas estejam morrendo pela COVID-19 sem que ninguém fique sabendo.

### 3. GARANTIR A QUARENTENA NA PERIFERIA.



**Ocupar os imóveis vazios em mãos da especulação imobiliária.**



**Garantir produtos de higiene e água para todos.**

### 4. AMPLIAÇÃO DO SUS



**Investir de forma massiva na saúde pública em 2020.**

**EXPLICAÇÃO:** A saúde sofre cortes desde sempre. Em 2019, foram R\$ 9 bilhões cortados. A verba total foi de R\$ 113 bilhões ou 4% do orçamento. Isso não é suficiente.



**Incorporar a rede privada de hospitais a um comando centralizado de leitos.**

**EXPLICAÇÃO:** O SUS tem quase o mesmo número de UTIs que a rede privada, mas atende 75% da população.

### 5. FABRICAR LEITOS DE UTIS E RESPIRADORES EM REGIME DE URGÊNCIA



**Multiplicar por cinco os leitos de UTI no Brasil.**

**EXPLICAÇÃO:** Temos 2 leitos de UTI para cada 10 mil brasileiros enquanto o Japão dispõe de 10 leitos para cada 10 mil habitantes..



**Fabricar 163 mil respiradores.**

**EXPLICAÇÃO:** A USP e a UFRJ possuem um projeto que permite fabricar respiradores mecânicos simples e baratos em massa e rápido. O governo deve requisitar imediatamente TODAS as fábricas que tenham condições de produzi-los.

### 7. PROTEGER E VALORIZAR OS PROFISSIONAIS DA SAÚDE.



**Garantia de máscaras e EPIs aos profissionais da saúde já!**



**Contratação imediata de pessoal para o SUS**

**EXPLICAÇÃO:** Para garantir atendimento aos pacientes, proteger os profissionais da Saúde e evitar jornadas extenuantes.



**Aumento de salário e direito à insalubridade Verbas para a universidade pública e para a pesquisa**

### 6. DISTRIBUIÇÃO GRATUITA DE ÁLCOOL EM GEL E MÁSCARAS.



**Produção em massa de álcool gel e máscaras e controle de preço.**

**EXPLICAÇÃO:** O Brasil é o segundo produtor mundial de álcool. É uma vergonha que a maioria da população não tenha acesso a esses itens básicos. Aqueles que especulem sobre esses produtos para aumentar o preço devem ser presos.

## MEDIDAS CONTRA A CATÁSTROFE SOCIAL. GARANTIR EMPREGO, RENDA E CRÉDITO AO PEQUENO NEGÓCIO

### 1. NENHUMA DEMISSÃO



#### Estabilidade no emprego

**EXPLICAÇÃO:** Para garantir atendimento aos pacientes, proteger os profissionais da Saúde e evitar jornadas extenuantes.

### 2. MANUTENÇÃO DOS SALÁRIOS



#### Licença remunerada: manutenção dos salários de todos os trabalhadores



#### Não à redução de jornada e de salários como faz a MP de Guedes e Bolsonaro

### 3. AMPLIAÇÃO DA RENDA DE R\$ 600 PARA 2,5 SALÁRIOS MÍNIMOS



#### Pagar já os R\$ 600 aprovados!

**EXPLICAÇÃO:** Antes de tudo, o governo precisa garantir o pagamento imediato do que já foi aprovado. Garantir uma renda igual ao salário médio de um trabalhador por três meses prorrogáveis até o final do ano.

### 4. PAGAR A TODOS QUE NECESSITAM



**Desempregados:**  
45 milhões



**Subempregados:**  
33 milhões



**Ameaçados de demissão:**  
36 milhões

**EXPLICAÇÃO:** A medida aprovada é insuficiente, pois deixa de fora a maioria dos desempregados, subempregados, trabalhadores informais, autônomos e ameaçados de demissão ou de grande rebaixamento de salário. São mais de 108 milhões de brasileiros e não apenas a 24 milhões. Veja:

### 5. PROIBIÇÃO DE DEMISSÕES JÁ! ESTABILIDADE NO EMPREGO



**EXPLICAÇÃO:** Durante este período, estaria proibida qualquer demissão sob pena de confisco dos bens do empresário e a estatização da empresa. A Argentina, país bem menos rico que o Brasil, proibiu demissões por dois meses.

### 6. ISENÇÃO DE TARIFAS E TAXAS



**Isenção de pagamento de luz, água e aluguel**



**Diminuição e congelamento do preço do gás de cozinha**

### 7. APOIO AO PEQUENO PROPRIETÁRIO E AOS PEQUENOS NEGÓCIOS



#### Mil reais é merreca! Crédito ilimitado a juros zero para as 4,9 milhões de microempresas e pequenos negócios

**EXPLICAÇÃO:** O governo destinou a merreca de R\$ 5 bilhões para empréstimos ao setor, ou seja, R\$ 1 mil para cada, cobrando taxa de 12% de juros ao ano. Isso pode não dar

nem para pagar os impostos, que o governo apenas adiou.

- Isenção já de todos os impostos municipais, estaduais e federais

- Isenção das contas de água e luz  
- Pagamento, pelo governo, da folha de salários das empresas com até 20 funcionários

## R\$ 600 BILHÕES PARA GARANTIR RENDA



# R\$ 600 BILHÕES

**EXPLICAÇÃO:** Com a soma aproximada de R\$ 600 bilhões é possível assegurar o emprego e a renda de toda a classe trabalhadora e dos setores pobres, precarizados, informais, assim como de pequenos produtores e pequenos negócios.

## DE ONDE TIRAR OS RECURSOS PARA O PLANO DE EMERGÊNCIA?

### GRANA

Depois das carreatas da morte, Bolsonaro continua dizendo que “o Brasil não pode parar”, que a quarentena vai gerar milhões de desempregados, afundar o governo dele e quebrar o país. O que ele não diz é que a sua política é mandar a classe trabalhadora e os pobres para a morte para garantir o lucro indecente de banqueiros e grandes empresas, que controlam 70% da economia do país e empregam apenas 2 milhões de trabalhadores. Ele e Paulo Guedes dizem que o país não tem recursos. É mentira!



#### Suspensão imediata do pagamento dos juros da dívida pública com os bancos

**EXPLICAÇÃO:** Todo ano o governo paga cerca de R\$ 1 trilhão de juros e amortização da falsa dívida aos banqueiros. Ela era de R\$ 300 bilhões em 1994. Foram pagos R\$ 4,7 trilhões em 20 anos e a dívida saltou para R\$ 6 trilhões em 2019. E não para de crescer.



#### Requisitar compulsoriamente o lucro líquido de um ano dos 5 maiores bancos

**EXPLICAÇÃO:** O lucro líquido deles em 2019 foi de R\$ 102,7 bilhões.



#### Proibir a fuga de capitais e a remessa de lucros para o exterior

**EXPLICAÇÃO:** Só em 2020, já foram retirados do país mais de US\$ 44 bilhões (R\$ 220 bilhões).



#### Taxar em 1% ao mês a fortuna dos 20 maiores bilionários do país

**EXPLICAÇÃO:** Os 20 mais ricos detêm uma fortuna de R\$ 600 bilhões.



#### Usar US\$ 350 bilhões da reserva internacional para salvar a vida de milhões e não para dar aos especuladores Estatização do sistema financeiro

**EXPLICAÇÃO:** Essa medida garantiria crédito barato a juros zero a milhões de pessoas e pequenos comércios.

## FAZENDO AS CONTAS

Se, junto a essas medidas, requisitássemos apenas o lucro líquido referente a um ano das empresas privadas de saúde, das 212 maiores multinacionais aqui instaladas e dos 100 maiores grupos econômicos do Brasil, sem afetar seu patrimônio nem sua fortuna, veríamos que tudo somado daria perto de R\$ 4 trilhões (mais da metade do PIB brasileiro). Isso impediria uma catástrofe social. Também é possível acabar com os “incentivos e isenções fiscais” às grandes empresas. O governo gasta R\$ 30 bilhões com o Bolsa Família (para 12 milhões de famílias) e R\$ 376 bilhões em incentivos a poucos monopólios. Veja:

ORIGEM	VALOR EM BILHÕES DE R\$
✓ 3% das 20 maiores fortunas (contribuição de 1% da fortuna ao mês)	R\$ 18 bilhões
✓ Corte de incentivos fiscais às grandes empresas em 2020 (valor de 2019)	R\$ 376 bilhões
✓ Corte das remessas de lucros das multinacionais para matrizes (valor de 2018)	R\$ 174 bilhões
✓ Suspensão do pagamento da dívida pública em 2020 (valor de 2019)	R\$ 1,038 trilhão
✓ Utilização das reservas internacionais de dólares que estão nas mãos do governo federal	R\$ 1,8 trilhões
✓ Requisição do lucro líquido do setor privado da saúde (valor estimado de 2020)	R\$ 20 bilhões
✓ Requisição do lucro líquido dos 5 maiores bancos brasileiros (valor de 2019)	R\$ 102,7 bilhões
✓ Requisição do lucro líquido das 212 maiores multinacionais instaladas Brasil (valor de 2018)	R\$ 95 bilhões
✓ Requisição do lucro líquido dos 100 maiores grupos privados do Brasil (valor de 2018)	R\$ 175,7 bilhões
<b>TOTAL</b>	<b>R\$ 3.809.380.000.000</b>

MULHERES

# COVID-19: Letalidade tem raça, gênero e classe



**MARCELA AZEVEDO,**  
DA SEC. NACIONAL DE  
MULHERES DO PSTU

**A** pandemia da COVID-19 expõe a incapacidade do capitalismo de garantir a vida dos setores oprimidos da classe trabalhadora. Nos primeiros casos de contaminação por coronavírus no Brasil, cujas vítimas foram pessoas que estiveram em viagem internacional, até se chegou a associar a doença aos setores mais ricos da sociedade. Contudo, a situação se intensificou. Vieram as primeiras mortes, e o vírus se transformou numa ameaça letal contra os mais vulneráveis e oprimidos pela sociedade capitalista.

A doença não escolhe raça, gênero ou conta bancária para se manifestar, mas as desigualdades impostas por este sistema de opressão e exploração determinam quem vai morrer e padecer sem tratamento. Serão os pobres e oprimidos da classe trabalhadora, que estão mais expostos aos riscos e à letalidade da pandemia. Na sociedade capitalista, a pandemia tem raça, gênero e classe.

## GENOCÍDIO NEGRO SE ENCONTRA COM A PANDEMIA

Vivemos num país com o maior número de assassinatos pela polícia. Essas mortes ocorrem nas periferias, vitimando os jovens negros, muitas vezes sem nenhuma acusação e menos ainda julgamento. Não importa se estão voltando da padaria, chegando do trabalho ou se divertindo no baile funk. São dessas periferias que saem também as milhares de empregadas domésticas do Brasil, que atravessam a cidade até os bairros nobres para cuidar da casa e dos filhos da patroa, enquanto os seus filhos se tornam alvo da violência do Estado.

Para essas pessoas, não existe quarentena, isolamento, home office. São os terceirizados, trabalhadores de setores precarizados, limpeza, supermercado e outros setores que estão funcionando de portas fechadas, mas não dispensam seus funcionários. São as empregadas domésticas “quase da família” que não podem ser liberadas porque as patroas são incapazes de gerir suas próprias necessidades dentro de casa. Também devemos lembrar as pessoas em situação de prosti-

tuição, muitas delas mulheres transexuais, que se encontram em extrema vulnerabilidade.

Mais uma vez, são pessoas que não causarão comoção ao agonizarem na porta dos hospitais; que sequer vão virar estatísticas, pois não há empenho em diagnosticá-las nem testes suficientes. Vão cumprir o grande desejo da burguesia de morrer trabalhando.

## MULHERES: QUARENTENA NÃO GARANTE TOTAL SEGURANÇA

De maneira cruel, vimos os casos de violência doméstica crescerem de forma assustadora em todo o mundo no período do isolamento social. O ambiente doméstico não é seguro para as mulheres há muito tempo. O Brasil, que é o 5º país no ranking internacional de assassinato de mulheres, tem a maioria dos feminicídios praticados dentro de casa.

Essa realidade é fruto da naturalização da violência machista combinada com a falta de investimentos em políticas de combate a essa violência. Ao longo do ano de 2019, nem um centavo foi investido na rede de assistência às mulheres vítimas de violência, mas o presidente

foi capaz de utilizar o aumento desses casos para justificar o fim da quarentena no país. Ele não aponta nenhuma modificação no orçamento para a secretaria de mulheres e para a estruturação da rede de suporte às vítimas e ainda tenta dar fim à única medida capaz de proteger a população do contágio pelo vírus.

■ **Por um plano de emergência contra a violência machista!**

■ **Rede de assistência com equipe capacitada para retirar a vítima do local das agressões, casas-abrigo, renda digna para que as mulheres possam sustentar-se com seus filhos e campanhas de conscientização e orientação nas redes de comunicação!**

## AGIR

# Combater a pandemia, a opressão e a exploração!

A pandemia escancarou para quem quiser ver a incapacidade do sistema capitalista de preservar a vida da humanidade. Da mesma forma, é incapaz de superar as ideologias de opressão como o machismo, o racismo, a lgbtphobia e a xenofobia porque se aproveitou delas para explorar com maior intensidade uma grande parcela da classe trabalhadora.

É preciso que, nesse momento, todos nós nos unifiquemos na defesa de cada um da nossa classe, sem deixar ninguém para trás. Lutar pela nossa sobrevivência passa por exigir dos governos da burguesia todas as medidas necessárias para que os setores mais penalizados tenham condições de enfrentar essa doença. Se eles são incapazes de nos garantir isso, que tomemos o poder e façamos nós mesmos!

## CORONAVÍRUS E CAPITALISMO

# Por que somos socialistas?

As nações civilizadas colocaram a si próprias em uma posição de bárbaros [...] por todos os lados, encontramos a cada passo problemas que a humanidade está em perfeitas condições de resolvê-los imediatamente, mas o capitalismo é um obstáculo. Ele acumulou uma montanha de riquezas – e fez os homens escravos dessa riqueza. Resolveu problemas técnicos profundamente complexos – e bloqueou a aplicação [...] por causa da miséria e da ignorância de milhões de pessoas e da estúpida avareza de um punhado de milionários. A civilização, a liberdade e a riqueza no capitalismo sugerem a ideia de um rico glutão que apodrece em vida, mas que não deixa viver o que é jovem. Mas o que é jovem cresce e, apesar de tudo, triunfará. **Lenin**



**RICARDO ALAYA,  
DE SÃO PAULO (SP)**

O número estimado de desempregados em todo o mundo parece incalculável. São cifras que geralmente aparecem ao lado dos números de infectados pela COVID-19. A máquina da propaganda burguesa trata o desemprego como um fenômeno da natureza, tal qual o contágio, ou seja, seria inevitável diante da pandemia.

Contudo, se o vírus e os seus efeitos sobre o corpo humano constituem um fenômeno da natureza, não se pode dizer o mesmo da velocidade e da amplitude mundial de sua propagação nem das suas consequências sociais. A contrário, são consequências das relações sociais nas quais a humanidade reproduz suas vi-

das: o capitalismo. Neste momento, a miséria de todos os dias salta à vista: favelas que não podem garantir a quarentena dos que vivem apinhados, trabalhadores informais e precarizados que comem o que podem ganhar no dia.

Independentemente da cara com a qual se apresentem, seja a de Trump – enquadrado pela classe dominante estadunidense, que fez as contas e exigiu prolongar a quarentena –, seja a de Merkel, os capitalistas deixam cair suas máscaras: são todos genocidas a serviço do lucro. Isso sem falar em Bolsonaro, que o faz sem sutileza nenhuma. O capitalismo se mostra incapaz de deter o contágio generalizado e suas consequências sociais.

As relações sociais atuais,



não apenas seus governantes, estão em contradição com a vida. O dilema sobre parar a economia ou deter o avanço da

pandemia é uma farsa, pois a economia nunca esteve a serviço da vida da maioria da população. Não se trata de uma

maior ou menor intervenção do Estado na economia. O dilema que está colocado é: socialismo ou barbárie!

### PROPAGAÇÃO

## Um vírus que segue a rota das mercadorias

Um celular montado na China tem seus componentes fabricados em sete países. Já se foi o tempo em que o dono de uma grande empresa podia bater no peito e dizer: minha fábrica produziu este celular.

O fato de mais de 60% de todo o comércio mundial responder à troca de produtos (bens intermediários) entre as empresas utilizadas no processo de produção indica que o mundo é um organismo econômi-

co único. As grandes empresas conseguem um superlucro com a dominação e a desigualdade entre os países, subdividindo a fabricação de uma mercadoria entre vários deles.

As relações econômicas entre Estados Unidos e China lideram essa cadeia produtiva. Não é mera coincidência que a primeira e a segunda economia do mundo estejam no centro da pandemia. O colossal trânsito de bens, serviços e pessoas não é apenas o meio do contágio viral, é também o eixo sobre o qual o capitalismo mundial gira e a chave para entender a propagação do vírus.

O marxismo denominou essa divisão social e mundial do trabalho de produção social. A expansão exponencial da produção social dentro de um país e a escala mundial são acompanhadas de uma profunda contradição: a apropriação privada. Essa imensa produção de riqueza na forma de mercadorias tem um objetivo

mediocre: acumular lucros nas mãos de uns poucos indivíduos.

A demora para decretar a quarentena social não significaria desabastecimento de bens essenciais para a população mundial quando o vírus apareceu em Whuan. Porém interromperia a chamada “cadeia de valor”, ou seja, as exportações e importações dos componentes industriais entre as grandes empresas.

Não é a falta de comida, de energia, de água, tampouco de celulares, que atrasou as medidas para conter a disseminação do vírus pelo mundo. As grandes multinacionais (Walmart, Shell, General Electric, General Motors, Pepsi e IBM) e as de 400 empresas de alta tecnologia, que fornecem componentes para outras empresas, não quiseram interromper temporariamente a exportação e importação que sustenta a cadeia de valor mundial. Isso causou a disseminação do vírus. Parar a China teria um efeito imediato sobre os EUA:

20% das exportações chinesas vão para lá.

O pior é que esse genocídio premeditado é realizado num momento em que existe uma saturação de carros e celulares entre a população que pode adquiri-los. Em abril de 2019, existia 230 milhões de smartphones em uso no Brasil. Interromper sua importação por um período não provocaria a falta de aparelhos.

A produção social em escala mundial também se choca com as fronteiras dos Estados. Na medida em que a cadeia produtiva é mundial, as decisões dos Estados isolados se chocam com a concorrência entre as empresas: “não posso parar minha empresa se o meu concorrente seguir produzindo.” O que se impõe é uma corrida para o abismo, pois cada governo tomou decisões isoladas. A demora da Itália em decretar a quarentena enquanto ela foi decretada na China permitiu o avanço da pandemia.



## CRISE

# A falência da mão invisível do mercado

Diante da falta de álcool em gel no Brasil, segundo maior produtor de álcool do mundo, os defensores do mercado como regulador da produção dizem: “Para que haja máscaras e álcool para todos, só há uma solução, deixar os preços subirem.” E os preços subiram 900%, mas o álcool em gel não apareceu na quantidade suficiente.

A frase acima também pode ser lida assim: “até que os preços do álcool subam o suficiente para que outras em-

cessivas de produtos supérfluos e escassez dos necessários – converte-se em genocídio na pandemia.

A expansão da produção social aumenta a capacidade produtiva e desorganiza a sociedade na mesma velocidade. Não existe um planejamento para produzir de acordo com as necessidades sociais, pois os interesses da propriedade privada comandam.

Engels nos ensina: “O principal instrumento com o qual o modo de produção capita-

desenhados para durar somente alguns meses para manter a produção ininterrupta. A velocidade de renovação implica uma grande escala de matérias-primas extraídas da natureza. Enquanto a maior parte da montagem dos produtos é realizada na China, 90% dos gastos em pesquisas são de empresas estadunidenses e europeias, e somente quatro empresas detêm 75% do mercado, resultando em desperdício, agressão ao meio ambiente e concentração da produção e dos lucros.



presas migrem para produzi-lo, milhares de pessoas devem morrer.” Conclusão: o mercado capitalista demonstrou-se completamente incapaz de prevenir, deter e curar os afetados da pandemia.

O reconhecimento social do que se produz é pela venda ou pelo mercado. Assim, o que ocorre todos os dias em tempos “normais” – desperdício de mercadorias que não são vendidas, quantidades ex-

cessivas de produtos supérfluos e escassez dos necessários – converte-se em genocídio na pandemia. A organização da produção no interior de cada empresa cresceu de forma tão espetacular que os grandes monopólios concentram entre si 80% do comércio mundial.

Um exemplo disso é a indústria eletrônica: os produtos são

A sociedade não pode lidar com esta imensa potência produtiva sem um planejamento e, para impor o planejamento, a expropriação da propriedade é uma necessidade. A propriedade privada e as fronteiras nacionais não podem controlar essas forças produtivas. Por isso, de tempos em tempos, essas contradições explodem de forma violenta: guerra, catástrofe social e pandemia.

## PLANIFICAÇÃO

# É possível planejar a luta contra uma enfermidade desconhecida?



Depois das epidemias de Ebola, SARS e MERS, a Organização Mundial da Saúde (OMS), no início de 2018, previu que uma nova pandemia surgiria em algum lugar do planeta, no qual a recente expansão capitalista ainda convivia com a vida selvagem. Em 2005, a CIA publicou um relatório sobre os conflitos mundiais, constatando que uma pandemia respiratória poderia atingir o planeta.

Por que, apesar da capacidade produtiva, as principais potências imperialistas foram incapazes de planejar a produção de respiradores, aumentar os leitos de UTI, produzir insumos para os testes?

Ocorre que nenhum fundo de investimento, nenhum banco ou mesmo os Estados controlados por essas empresas investem na produção desses bens se o mercado não “demanda” no momento. Mas agora transformarão a morte num negócio lucrativo.

## PLANIFICAR A ECONOMIA

A imensa capacidade produtiva mundial está presa pelas decisões de um punhado de acionistas das grandes empresas, que integram a direção dos grandes bancos e dos fundos de investimento. Estes acionistas não têm nenhum papel no processo produtivo, seus executivos conduzem as empresas. Tampouco produzem mercadorias de acordo com as necessidades sociais da maioria. O único papel que desempenham na sociedade é o de parasitas.

A expropriação da propriedade privada significa organizar as imensas forças produtivas sociais em função das necessidades da maioria da população, presentes e futuras; centralizar os recursos disponíveis para suprir as necessidades de consumo, alimentação, saúde, moradia etc. No caso da pandemia, produzir respiradores, insumos para testes em massa, assim como os produtos necessários ao confinamento social.

Isso pressupõe que os trabalhadores governem. É necessário expropriar a propriedade privada das mãos desses parasitas. E planejar exige decisões coletivas, a democracia operária. São os próprios trabalhadores organizados que decidem sobre a utilização dos recursos construídos por eles mesmos.

## A NOSSA LUTA PELO SOCIALISMO

Essa violência contra a humanidade e a natureza nos reservará tragédias ainda mais profundas. A inoperância diante do alerta climático e as próximas pandemias anunciadas só podem ser evitadas se forem destruídos os fundamentos sociais que as impulsionam.

Não há reformas que possam resolver as principais contradições do capitalismo. Os reformistas e suas promessas de humanizá-lo apenas conservam seu estado de decomposição de forma artificial, preparando o terreno para novas catástrofes. A revolução socialista pode liberar a potência social produtiva da amarra da propriedade privada.

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

# Metalúrgicos fazem greve geral em defesa da vida

**ANA CRISTINA SILVA,**  
DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (SP)

Nas últimas semanas, em meio às notícias sobre o agravamento dos efeitos da pandemia causada pelo coronavírus no país, o clima de preocupação e medo tomou conta dos trabalhadores nas fábricas. Não é para menos. Afinal, de um lado, ouviam das autoridades sanitárias de todo o mundo a orientação de isolamento social para prevenir o coronavírus. No dia a dia, porém, suas vidas seguiam como sempre, aglomerados nas fábricas e no transporte público.

De forma muito tímida, apenas as maiores empresas colocaram trabalhadores do grupo de risco em home office ou em licença e tomaram algumas medidas de prevenção como a disponibilização do álcool em gel. Mas a maioria nada fez. Depois de um dia de trabalho, operários e operárias voltavam para suas casas com medo de terem se contaminado e de transmitirem para a família.

É diante desse cenário que o Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos e Região (SP), filiado à CSP-Conlutas, de forma inédita, deu início a uma mobilização da categoria que resultou na liberação do trabalho para cerca de 30 mil trabalhadores.

Depois de protocolar pedidos de licença-remunerada desde o início do mês passado e não obter retorno por parte das empresas, a entidade publicou um decreto de greve geral no dia 22 de março. “É uma medida em defesa da vida dos trabalhadores”, resumiu o presidente do sindicato numa live em rede social naquele domingo.

## NÃO SOMOS BUCHA DE CANHÃO

“As recomendações sanitárias para impedir a disseminação do coronavírus são claras: isolamento social. Mas governos têm defendido essa medida de forma totalmente seletiva. Nas fábricas, onde existe uma gran-



de concentração de trabalhadores, eles não tomam nenhuma medida. Pelo contrário, Doria, por exemplo, ao anunciar a quarentena no estado, destacou que as indústrias teriam de continuar funcionando. Bolsonaro fala que a economia não pode parar. Ou seja, querem deixar

de concentração de trabalhadores, eles não tomam nenhuma medida. Pelo contrário, Doria, por exemplo, ao anunciar a quarentena no estado, destacou que as indústrias teriam de continuar funcionando. Bolsonaro fala que a economia não pode parar. Ou seja, querem deixar

## COMPRANDO A BRIGA

“O que vimos foi que a maioria da categoria comprou a briga e foi à luta”, definiu o dirigente.

A mobilização atingiu 45

“Neste momento, é preciso manter a fabricação de produtos como medicamentos, equipamentos hospitalares, alimentos e serviços essenciais. De resto, tudo deve parar, e as empresas e governos têm o dever de ter responsabilidade social e garantir salários, direitos e empregos”

os trabalhadores à própria sorte e nos usar como bucha de canhão”, denunciou o presidente do Sindicato Weller Gonçalves.

“Já estávamos recebendo muitas mensagens dos trabalhadores, que inclusive diziam que havia disposição para parar”, disse Weller. “Respeitando as medidas preventivas contra o coronavírus, sem aglomerações, fomos para as fábricas, com um ou dois diretores e o carro de som, e a resposta foi a adesão da maioria, que se mobilizou de al-

guma forma, entrando em greve, paralisando por algumas horas, aumentando a pressão”, relatou.

empresas da base e fez com que grandes empresas, como a Embraer, anunciassem licença-remunerada para a maioria dos funcionários ou antecipassem a dispensa, como na GM. Avibras, Hitachi, MWL, Domex e outras dezenas de fábricas também acabaram liberando os funcionários.

Weller também relata que o descaso de Bolsonaro diante da pandemia e as medidas contra os direitos que estão sendo tomadas pelo governo estão cain-

do como bomba entre os trabalhadores. “Estamos vendo um forte rechaço dos metalúrgicos, mesmo entre aqueles que votaram em Bolsonaro”, relata.

## O LUCRO NÃO PODE ESTAR ACIMA DA VIDA

A posição da entidade é que é preciso estabelecer quarentena geral em todas as fábricas que não produzam itens essenciais até que haja o controle da pandemia. “Nem tudo o que se produz hoje no capitalismo é essencial. A economia não vai parar se carros ou itens de luxo deixarem de ser produzidos. O lucro não pode estar acima da vida”, disse.

“Neste momento é preciso manter a fabricação de produtos como medicamentos, equipamentos hospitalares, alimentos e serviços essenciais, com todas as condições de segurança e sob controle dos trabalhadores. De resto, tudo deve parar, e as empresas e governos têm o dever de ter responsabilidade social e garantir salários, direitos e empregos”, defendeu.

## COBRANDO RESPONSABILIDADE

O sindicato também protocolou uma carta nas prefeituras

de todos os municípios de sua base territorial, cobrando medidas para defender a vida dos trabalhadores e assistência à população mais pobre.

Weller afirma que é preciso que todas as centrais sindicais do país organizem suas bases e decretem greve geral para defender a vida da classe trabalhadora.

## DESPERTAR NAS FÁBRICAS

“Precisamos nos unir e lutar contra a irresponsabilidade do governo Bolsonaro e suas medidas. Com o agravamento da crise, eles virão para cima dos trabalhadores com demissões e retiradas de direitos. Temos de derrotar esse governo e pôr para fora Bolsonaro, Mourão e Guedes”, defendeu.

“Nas fábricas, estamos vendo um despertar. Os trabalhadores estão com muitas dúvidas e por isso temos feito um debate que não é apenas sindical. Começa a cair a máscara do capitalismo e precisamos denunciar este sistema. Mostrar aos trabalhadores que este sistema só nos levará à barbárie. É hora de falar de socialismo”, afirmou o metalúrgico.

## CORONAVÍRUS NA QUEBRADA

# Um plano dos de baixo para combater o coronavírus na periferia

DA REDAÇÃO

A periferia de São Paulo já vê sinais do que está por vir com a pandemia. O gás de cozinha sumiu, e pouco antes de acabar os comerciantes estavam vendendo o botijão até por R\$ 120 ou R\$ 150, quase o dobro do valor normal, que geralmente é R\$ 70 ou R\$ 80. A comida também subiu. Uma caixa de ovo é vendida por R\$ 20 na periferia de São Paulo. Álcool em gel simplesmente não existe nesses bairros, e quando tem é vendido a preço de ouro. Em muitas comunidades, tem fal-

tado até água, como na Rocinha, no Alemão e nos Tabajaras no Rio de Janeiro.

Segundo todos os protocolos da OMS, o momento é de isolamento da população. Mas como isolar com dignidade uma população que vive amontoada e em condições de vida precárias? Que não tem nem água para lavar as mãos? Como tratar dos pacientes se já existe um caos absurdo da saúde pública nas periferias e favelas?

“A quarentena é muito importante para as pessoas. É uma recomendação para impedir a propagação do vírus. Na Cidade Tiradentes são 230

leitos para 300 mil pessoas. Por isso o isolamento é muito importante, mas a quarentena é para todo mundo”, explica Shirley Silverio, de São Paulo (SP), ao podcast do Opinião Socialista.

No Capão Redondo, em São Paulo, por exemplo, tem apenas um hospital, que é privado e tem apenas 12 leitos. “O sentimento de que os nossos mortos serão em número muito maior do que vai ser anunciado é muito grande. É um clima de tristeza, revolta. É horrível”, explica Eduardo Silva, morador do Capão Redondo, também da capital paulista.



## COVARDIA

## População de rua é abandonada



Nenhuma das medidas propostas por Bolsonaro e pelos governos apontou como enfrentar o problema para a população de rua no país, atualmente estimada em mais de 100 mil pessoas. Para se ter uma ideia (sempre estimada), a população de rua na cidade de São Paulo saltou de 15.905, em 2015, para 24.344, em 2019, um aumento de 53% no período segundo censo realizado pela Prefeitura de São Paulo.

O número de famílias sem teto que moram em condições precárias, como favelas e cortiços, é imenso. A última projeção de 2017 apontava para quase 8 milhões de famílias sem teto, além de outras 12 milhões de pessoas que vivem em favelas e cortiços. Esse número é de 2010, portanto a precariedade hoje é muito maior.

A maior parte das famílias sem teto hoje é composta por pessoas que têm um alto comprometimento de sua baixa renda com o valor do aluguel. As medidas apresentadas pelos governos não enfrentam esse problema. Também não existe controle sobre o preço dos aluguéis, nenhuma política pública séria de regularização fundiária e urbanização com melhorias efetivas das condições de habitação, nem sequer um plano de ocupação ordenada dos vazios urbanos.

Para se ter uma ideia do absurdo da especulação imobiliária e do funcionamento do capitalismo, no Brasil há 7,9 milhões de residências desocupadas ou em construção, sem função social, enquanto a população sofre com a falta de 7,7 milhões de moradias.

## AUTO-ORGANIZAÇÃO

## Iniciativas na quebrada

“O que tá dando folego pra gente são as iniciativas de auto-organização que começam a brotar na região. Começa com o comitê do Mestre Moa do Katendê, que é mapear os locais onde não têm fornecimento de água, ou iniciativas de cestas básicas organizadas por professores e gente da comunidade”, diz Eduardo.

Impulsionar a constituição de comitês populares de solidariedade nas ocupações, favelas e quebradas para discutir nossas saídas para essa crise, tem sido uma das ações do Movimento Luta Popular nesse momento. O movimento também fez uma cartilha para distribuir nas ocupações que orientam a população a como se cuidar do vírus e criar comitês de lutas.

“Se a gente tem pequenos exemplos de autogestão nas cidades, como nas ocupações e co-

munidades, você imagina o que seria ter todas as riquezas que os trabalhadores produzem em nossas próprias mãos. Por isso é importante impulsionar comitês de base agora”, explica Avanilson Araújo, do Luta Popular. O movimento tem atuado de forma intensa em várias ocupações em São Paulo para fomentar a organização desses comitês.

“Precisamos de um plano alimentar para a periferia e para as ocupações. É exigir dos governos que o estoque de alimentos seja colocado imediatamente a serviço da população pobre. Mas pra fazer isso, a gente vai ter que ir pra cima, não vai ser auxílio de R\$ 600 que vai resolver”, diz Avanilson.

O Luta Popular defende que sejam disponibilizados de imediato todos os prédios públicos, como hotéis e prédios abandona-

dos, para receber imediatamente a população de rua. Defende redução, congelamento de preços e suspensão da cobrança de aluguéis durante a duração da crise e a desapropriação sem indenização de todos os prédios e imóveis abandonados há mais de cinco anos que não cumprem sua função social para a construção de um plano de assentamento urbano, junto com os movimentos populares.

Avanilson explica também que é fundamental regularizar todas as favelas e ocupações. “O máximo dos nossos precisa sobreviver. Por isso, solidariedade de classe, unidade com setor médio que tem disposição de lutar com a gente, mas é a saída estratégica que a gente defende”, afirma.

## LINKS



Ouçá o podcast do Opinião Socialista sobre a quarentena na periferia

Leia a cartilha do Luta Popular



**OPINIÃO SOCIALISTA**  
PODCAST

MAIS DO QUE NUNCA

# Palestina livre é questão de vida ou morte com COVID-19



**SORAYA MISLEH,**  
DE SÃO PAULO (BA)

**S**e no mundo inteiro a situação dos mais oprimidos e explorados se mostra mais dramática diante dos milhares de casos e mortes causados pelo novo coronavírus, essa realidade é agravada para os palestinos por causa da ocupação sionista. Há 72 anos, desde a Nakba (a catástrofe com a criação do Estado de Israel em 15 de maio de 1948), eles enfrentam a limpeza étnica deliberada e a colonização que se expande a passos largos. Agora, precisam encontrar formas de sobreviver à COVID-19 num quadro em que todos os direitos humanos fundamentais são violados.

O número de infectados cresce a cada dia e também os crimes sionistas diante desse grave quadro. Nos territórios ocupados em 1967, os dados oficiais apontam 134 casos. Cento e dezenove desses casos estão na Cisjordânia, em que soldados das forças de ocupação estariam cuspidos nas maçanetas de carros palestinos para contaminá-los. Enquanto isso, seus colegas destruíam, no dia 26 de março, uma clínica de emergência médica em construção na aldeia de Khir-

bet Ibziq, ao norte do Vale do Jordão. Esses são apenas dois exemplos.

## GAZA E PRESOS POLÍTICOS

Em Gaza, são 15 casos, e o temor é de calamidade. Na estreita faixa, seus 2 milhões de habitantes enfrentam bloqueio desumano e bombardeios israelenses frequentes há 13 anos. O cenário é devastador nesta que é a área mais densamente povoada do mundo: em fun-

ção do cerco sionista criminoso, a maioria depende de ajuda humanitária para sobreviver. Setenta por cento estão desempregados; os índices de pobreza são dramaticamente elevados; 96% da água que era potável está contaminada; e a energia elétrica dura apenas quatro horas por dia.

Toda a infraestrutura está destruída pelas ofensivas israelenses, e a não possibilidade de reconstrução, já que nada

entra ou sai sem que Israel permita, levou Gaza a ter apenas 40 leitos e 15 respiradores para atendimento a emergências médicas. Falta tudo, desde medicamentos até materiais de laboratório. E Israel, diante da COVID-19, voltou a bombardear Gaza no dia 28 de março.

Essas ações criminosas se somam a outras, como nos cárceres israelenses, nos quais 5 mil presos políticos palestinos, incluindo mulheres e crianças,

amontoam-se em celas superlotadas e sujas. Ali são contabilizados oficialmente, até o momento, quatro casos de COVID-19. Organizações denunciam que Israel tem aproveitado para ampliar a punição coletiva. Intensificam-se medidas restritivas e a negligência médica.

## FARSA

### Fake news de Israel

Enquanto o Estado sionista seguia em sua desumanização cotidiana, circulava há cerca de dez dias a fake news de que já teria desenvolvido a vacina para a COVID-19, a qual estaria disponível até maio próximo. A imagem de salvador de vidas diante da pandemia global se apresenta como propaganda ideal para encobrir seus crimes. A COVID-19 desvela sua face brutal e coloca na ordem do dia a urgência da solidariedade internacional. Palestina livre, do rio ao mar, mais do que nunca, é questão de vida ou morte.

## CAMPOS

### Refugiados e palestinos de 1948

Também se encontram numa situação de extrema vulnerabilidade e risco os 5 milhões de refugiados palestinos em campos nos países árabes – impedidos do direito legítimo de retornar para suas terras, de onde foram expulsos desde a Nakba. Conforme a Agência das Nações Unidas para Assistência aos Refugiados Palestinos (Unrwa), já há notificações de COVID-19 em cinco campos.

Na Palestina ocupada em 1948 (que o mundo chama de Israel), dados indicam que um em cada cinco

infectados pelo novo coronavírus é palestino. Por essa informação, seriam cerca de 60 diante dos quase 6 mil casos confirmados no total. Submetidos a mais de 50 leis racistas, não têm o mesmo acesso a testes e tratamento – Israel se define como um Estado-nação judeu. Em dezenas de aldeias beduínas no Negev (Naqab, em árabe), nem mesmo ambulâncias são enviadas.

Outra mostra do racismo sionista é que enquanto determina a quarentena a seus cidadãos, milhares de palestinos que enfrentam o controle em check point para servir de

mão de obra barata no Estado sionista tiveram “permissão” para se alojar em Israel por pelo menos dois meses – na verdade, uma medida compulsória, já que não poderão retornar à sua casa no período, se quiserem manter o emprego. A determinação é resultado de um acordo com a gerente da ocupação, a Autoridade Palestina (AP), sob o pretexto de impedir a transmissão de um local para outro. A tal da cooperação mútua tem sido elogiada pela mídia tradicional, mas não passa de mais uma ação entre tantas que demonstram o servilismo da AP.

## CORONAVÍRUS

## Cenas de barbárie no Equador

Imagens aterradoras de cadáveres deixados nas ruas e calçadas e sendo queimados em esquinas rodaram o mundo e causaram consternação. As cenas vieram de Guayaquil, centro comercial e maior cidade do Equador. A pandemia de coronavírus e os mortos sobrecarregaram de tal forma o sistema público e de saúde, inclusive as funerárias, que nem mesmo retirar os corpos das casas é possível.

Familiares em quarentena se veem obrigados a deixar o parente falecido em via pública, aguardando sua retirada, que pode levar até dois dias. Só no dia 1º de abril foram retirados 150 corpos, a maioria ainda sem o teste para a COVID-19. Há relatos de pessoas que morrem



nas filas dos supermercados com tosse e falta de ar. Em meio a essa barbárie, o número de vítimas fatais com toda a certeza é bem maior que o divulgado pelas auto-

ridades, já que veículos de comunicação recebem diariamente inúmeras denúncias de corpos abandonados, principalmente nos bairros mais pobres.

## ALCÂNTARA (MA)

## Bolsonaro avança para retirada de quilombolas

Em plena pandemia, o governo Bolsonaro editou uma resolução que permite a expulsão das comunidades quilombolas da área de Alcântara, no Maranhão. A resolução partiu do Gabinete de Segurança Institucional (GSI), que têm à frente o general Augusto Heleno.

Alcântara é a região na qual está a base militar com o centro de lançamento espacial que foi entregue para os EUA, medida aprovada no Congresso Nacional com o apoio inclusive de partidos de oposição como PCdoB, PDT e PSB, além da base do governo Bolsonaro.

Agora, a resolução do GSI baixada no dia 26 de março, em seu artigo 6º, autoriza o Ministério da Defesa a “providenciar, por meio do Comando da Aeronáutica, a execução das mudanças das famílias realocadas” e dá outras providências para esse cumprimento. Trata-se de uma



verdadeira afronta aos direitos das comunidades quilombolas, descumprindo tratados e convenções internacionais de proteção a essas comunidades que vivem desde o século XVII na região.

O acordo de entrega da base aos EUA, firmado pelo governo Bolsonaro com o apoio do governo Flávio Dino e do PCdoB, feriu em cheio a soberania brasileira, pois no território existirão áreas res-

tritas (nas quais serão manipuladas as tecnologias americanas), cujas permissões e controle de entrada de pessoas serão de exclusividade do governo dos EUA. Haverá ainda áreas controladas nas quais o governo brasileiro assegurará que pessoas autorizadas pelo governo dos EUA possam, de maneira ininterrupta, monitorar, inspecionar, acessar, acompanhar e controlar o acesso.

## BAHIA

## Rui Costa precisa estatizar hospitais privados



A Bahia foi um dos primeiros estados no Brasil notificados pela existência de casos do coronavírus. Enquanto fechávamos esta edição, já eram três mortos confirmados pela doença e outros 15 esperando resultados de testes. A pandemia tem escancarado o colapso da saúde pública estadual, aprofundado com os ataques impostos pelo governador Rui Costa (PT) aos servidores baianos, em especial aos profissionais de saúde com a reforma da Previdência.

O modelo de saúde do governo petista além de precário é centralizador. Os maiores hospitais estão concentrados em Salvador – Hospital Geral do Estado (HGE) e Hospital Roberto Santos (HRS). O único hospital de grande porte em todo o interior da Bahia está localizado na cidade de Feira de Santana – Hospital Clériston Andrade. Outro agravante é o modelo privatista adotado por Rui Costa. Todos os hospitais regionais (médio porte) são geridos por organizações Sociais (OSs).

Diante da gravidade da situação e da iminência do aumento da contaminação e

transmissão do coronavírus, Rui Costa, solicitou à Justiça a utilização da estrutura do Hospital Espanhol para o tratamento dos pacientes com coronavírus. A unidade hospitalar privada está fechada desde 2014. O governo estadual também requisitou o uso do prédio do antigo Hospital Santa Clara.

A requisição do uso dos hospitais privados, à primeira vista, é progressiva, pois são estruturas já construídas, que estão sem uso. Contudo, torna-se uma política reacionária e a favor dos grupos empresariais, pois milhões de dinheiro serão investidos e, depois da pandemia, os prédios serão devolvidos aos donos.

Rui Costa tem que estatizar o Hospital Santa Clara e o Hospital Espanhol já. Não podemos aceitar investimentos do dinheiro público em empreendimentos privados que tem dívida com o Estado e com os trabalhadores. Esses hospitais desativados já não cumprem sequer a função social da propriedade, e por isso devem ser colocados a serviço do povo baiano, sem direito a indenização aos seus donos.

ADEUS, RIACHÃO

# O samba perde um dos seus grandes mestres

**ROBERTO AGUIAR,**  
DE SALVADOR (BA)

A música brasileira está de luto. O samba perdeu um dos seus maiores mestres, o cantor e compositor baiano Clementino Rodrigues, mais conhecido como Riachão. O sambista morreu no último dia 30, aos 98 anos, por morte natural, em Salvador.

Soteropolitano de nascimento, alma e coração, nascido no bairro do Garcia, iniciou a carreira aos 9 anos de idade, apresentando-se em festas infantis. Aos 12 anos, compôs a primeira canção, mas só gravou seu primeiro álbum em 1960, aos 39 anos: *Umbigada da Baleia* (disco 78rpm – rotações por minuto).

Riachão foi um dos expoentes da era de ouro do rádio baiano, entre as décadas de 1940 e 1950. Mesmo cantando em trio de seresta, era o samba que ele amava e tinha Dorival Caymmi como grande inspiração. Arrastou outros sambistas para seu lado, alguns dos quais seriam seus parceiros de verso, como Batinha (1924-1997) e Panela (1944-1999). Juntos gravaram o histórico disco *Samba da Bahia*, em 1975.

## CRÔNICA URBANA

Com o sucesso dos programas de auditório e a força que o rádio tinha naquela época, muitos artistas baianos, a exemplo de Dorival Caymmi, mudaram-se para o Rio de Janeiro, então capital do Brasil. Riachão até foi para lá, mas não para ficar. O sambista sempre teve como meta fortalecer o cenário do samba na Bahia. Seu amor por Salvador e seu povo encontraram-se nas letras de suas músicas.

Riachão pegava fatos do dia a dia da capital baiana e transformava em música. A canção título do seu primeiro disco, *“Umbigada da Baleia”*, nasceu após assistir à exposição de uma baleia na praça da Sé, no Centro Histórico de Salvador. A simplicidade da vida na capital



é narrada através de seus sentimentos, o que faz de Riachão um cronista musical.

O sambista também incomodou a ditadura militar. Em 1976, Riachão teve um dos seus sambas censurado. A música *“Barriga Vazia”* tinha a fome como tema, foi proibida de ser gravada e cantada em shows. “Eu, de fome, vou morrer primeiro / você, de barriga, também vai morrer um dia”, dizia a letra que incomodou os militares. Mas no mesmo ano, em show histórico no Instituto Cultural Brasil Alemanha (ICBA), que no período da ditadura se tornou um espaço de resistência, a plateia universitária, entusiasmada, pedia que Riachão cantasse *“Barriga Vazia”*. O sambista soltou a voz, enfrentou a censura e ganhou destaque na imprensa. O show foi considerado uma provocação aos militares. Na verdade, foi um grito de liberdade.

## CARREIRA

Com esse enorme talento, reconhecido pela crítica, gravado por grandes artistas como Jackson do Pandeiro, que na década de 1950 gravou três canções de Riachão (*“Meu Patrão”*, *“Saia Rôta”* e *“Judas Traidor”*), o sambista baiano não conseguia se inserir no mercado. Em toda sua carreira gravou apenas seis discos, mesmo deixando um legado de cerca de 600 canções entre inéditas e gravadas.

Riachão é dono de clássicos do samba como *“Cada Macaco no seu Galho”*, lançada em 1972 nas vozes de Caetano Veloso e Gilberto Gil, após o exílio em Londres, e *“Vá morar com o diabo”*, apresentado em disco em 2000, em dueto com Caetano. Essa canção ganhou sucesso nacional no ano seguinte, com a gravação feita pela cantora Cássia Eller (1962-2001).

Em 2000, Riachão lançou

*Humanenochum*, o seu álbum mais aclamado pela crítica e pelo público. O disco foi indicado ao 3º Grammy Latino, na categoria melhor álbum de samba/pagode. No mesmo prêmio, Riachão foi indicado na categoria melhor compositor pela canção *“Vá Morar com o Diabo”*, gravada por Cássia Eller.

Seu último disco lançado em vida foi *Mundão de Ouro*, em 2003. O álbum foi indicado ao 25º Prêmio da Música Brasileira na categoria álbum de samba. Riachão concorreu ao prêmio de cantor do ano.

## FUTURO

O mais importante membro da velha guarda do samba baiano morreu sem ter a carreira reconhecida como deveria e sem ser homenageado como merecia pela Bahia e por todo o Brasil. Planejava lançar um novo disco em 2020 com o título *Se*

Deus quiser eu vou chegar aos 100, com repertório inédito e autoral. O álbum está sendo produzido pelo sambista Paulinho Timor.

O disco vai ser lançado, mas Riachão não chegou aos 100. Hoje temos o dever de deixar o seu legado vivo. Temos uma dívida com ele, o futuro cobra. Não temos que lamentar a sua morte, temos que agradecer por tudo que fez pelo samba, pela música e pela arte brasileira.

Temos que lembrar de Riachão como um sambista negro, que sempre que teve de lutar na vida, enfrentou o racismo e cantou a vida simples do povo de sua terra, com irreverência e alegria. Ganhou o apelido porque gostava de brigar na rua, quando menino. E assim fez a vida toda.

Por tudo que representa, só temos a agradecer.